

Algumas falas sobre Michel Foucault, Edward P. Thompson e sua *apropriação* pelos historiadores brasileiros.

IGOR GUEDES RAMOS *

Por volta de meados da década de 1970, os historiadores brasileiros começaram a se *apropriar* dos pensamentos de Edward P. Thompson e de Michel Foucault, isto é, passaram a utilizar as concepções teórico-metodológicas, conceitos, argumentações, conteúdos, etc. presentes nos textos desses intelectuais para empreenderem pesquisas históricas. Atualmente desenvolvemos uma pesquisa a respeito dessa *apropriação* na década de 1980, em seu decorrer percebemos que os diagnósticos sobre os pensamentos destes intelectuais e sua recepção não devem ser compreendidos como neutros e, então, avaliados como corretos ou equivocados; mas, talvez, devam ser compreendidos como um dos elementos que compõe o processo de *apropriação*.

Muitos historiadores brasileiros já refletiram, de forma "informal" em entrevistas ou de modo sistemático em textos acadêmicos, sobre os pensamentos de Thompson e de Foucault e a respeito da recepção desses pensamentos no Brasil. Antes de examinarmos os "modos de usar" Thompson e Foucault nas pesquisas históricas dos anos 80, foi necessário discutirmos essas reflexões, pois muitas delas foram produzidas por historiadores que viveram esse processo na década de 1980 e falaram sobre este no "calor do momento" e/ou numa reflexão retrospectiva. Nossa preocupação ao retomar algumas dessas *falas*, é verificar os discursos que desde a década de 1980 incidiram sobre a recepção dos pensamentos do historiador inglês e do filósofo francês. Em suma, este texto procura discutir como diferentes discursos procuraram estabelecer uma *direção* à *apropriação* do pensamento desses intelectuais pelos historiadores brasileiros.

Do mesmo modo que ocorreu entre os historiadores estrangeiros, nem todos os brasileiros foram a favor do pensamento de Foucault, por exemplo: Ciro Flamarion Cardoso é provavelmente um dos maiores opositores do filósofo francês e crítico de sua recepção no

* Doutorando em História pela UNESP/Assis-SP, orientando do prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Jr., pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. Contatos: igor.guedes.ramos@gmail.com - herebell@hotmail.com

Brasil. Porém, ocorreram nuances nesta posição: entre 1979 e 1983, Cardoso orientou a dissertação de mestrado de Ronaldo Vainfas, apresentada ao departamento de História da UFF, denominada *Idéias escravistas no Brasil Colonial*. Como era de se esperar, não foi uma contestação ao trabalho do orientador, ao contrário, ao contrário contribuiu para uma linha de análise aberta por Cardoso. Nesse sentido (de contribuição), foram incorporados concepções teórico-metodológicas e problemas "novos", inclusive aqueles presentes no pensamento de Foucault a partir de *Vigiar e Punir*. Sobre isso, Cardoso esclarece:

Um aspecto deste livro agrada-me muito especialmente. O autor soube usar judiciosamente uma parte do arsenal de conceitos e enfoques desenvolvidos em anos recentes em torno da análise do discurso, sem cair em exageros tecnicistas que não teriam ajudado muito o seu projeto tal como o concebeu; e sobretudo, sem ceder ao dilema mais frequente de muitos dos autores que usam tais conceitos e enfoques nas fases estruturalista e pós-estruturalista: a dissolução do sujeito social nos estudos da ideologia, opção que costuma conduzir a posições reacionárias e delirantes. (CARDOSO in VAINFAS, 1986: XVII-XVIII)

A posição teórico-metodológica e política de Cardoso, que já transparece nessa apresentação do estudo de seu orientando publicado em 1986, foi acentuada e explicitada em um conjunto de textos publicados em 1988, no livro denominado *Ensaio racionalistas*. Cardoso é convicto de que a concepção materialista de história é o que pode fornecer cientificidade e racionalidade para a história-disciplina, sua vertente é próxima a do marxismo inglês (Anderson, Hobsbawm, Thompson, etc.); é crítico do "economicismo" stalinista, do "idealismo" althusseriano, do "subjetivismo" sartreano e do "reacionarismo" dos frankfurtianos. A partir de sua perspectiva, examinou duas obras de Foucault, *As palavras e as coisas* e *História da sexualidade* – especificamente *O cuidado de si*. Em relação à primeira obra, retoma algumas das críticas feitas primeiramente por Sartre, pois Cardoso entende que a noção de *epistémê* afirma a existência de "modelo geral de pensamento" em cada época, deste modo, ninguém pensaria diferente, o que para o historiador é inconcebível; e, também, aquela noção não explicaria como se pode passar de uma *epistémê* para outra (CARDOSO, 1988: 79-80). Em relação à *História da sexualidade*, Cardoso critica Foucault por escolher somente as fontes adequadas a seu modelo explicativo, além de nada dizer das "práticas sexuais efetivas", que seriam mais importantes do que os preceitos dirigidos a uma minoria e que talvez não

tenham se concretizado (Ibid.: 109-114). Nesse sentido, temos o mesmo embate que rondou *Vigiar e punir*, isto é, da "história de um problema", de um conjunto de *práticas* e seus efeitos; contra a "história de um período", de como era a vida em uma dada época.

Enfim, desde a década de 1980, Cardoso acredita que o pensamento foucaultiano é basicamente reacionário e irracional, "seu 'método arqueológico' é simplesmente mais uma tentativa de negar certos princípios básicos, não somente do marxismo, mas de qualquer visão racionalista da história e da sociedade, totalidade do socioistórico, cognoscibilidade desta totalidade, humanismo". Suas temáticas são pertinentes para a história-disciplina, porém é preciso retomá-las por meio da "reafirmação da cognoscibilidade do todo social" (Ibid.: 19, 114).

Em entrevista de 2001, Cardoso relembra sua "militância" contra a recepção do pensamento de Foucault – ocorrida, segundo ele, sobretudo na Unicamp – na década de 1980; bem como assinala sua posição favorável ao pensamento de Thompson e a impossibilidade de se conciliar em uma mesma *operação historiográfica* os pensamentos do historiador inglês e do filósofo francês, entre outros intelectuais:

O Thompson é muito bom; o que andei criticando muito, na época, foi a tentativa de casar Thompson e Castoriadis feita na Unicamp. Tentaram juntar um filósofo de direita e que não trabalha com o conceito de classe social, como é Castoriadis, com um pensador de esquerda. Para mim Castoriadis, Foucault, a desconstrução, Deleuze, Derrida e todos os nitzscheanos, são pensadores de direita.

[...]

No que não acredito é nas mixórdias, nas misturas de alhos com bugalhos em matéria epistemológica, nas mesclas inexplicáveis ou mal explicadas de elementos tomados de posições cujas premissas de base são incompatíveis, seja a de Marx com Weber e Durkheim – que critiquei em artigo pouco conhecido do início da década de 1980, nas obras de tema histórico (escravidão, relações sociais) da Escola Sociológica de São Paulo (Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso) –, seja a de Thompson com Castoriadis, presente em certa fase de alguns historiadores da Unicamp, como já mencionei. (CARDOSO apud MORAES; REGO, 2002: 228, 234)

Apesar da qualificação positiva de Thompson, Cardoso se identifica "muito mais com as posições de Hobsbawm" (Ibid.: 232), ou seja, com uma *prática historiográfica* mais atenta ao estabelecimento de conceitos e de modelos explicativos. Posteriormente, em entrevista de 2005, expõe sua visão sobre Thompson e o define como um historiador que foi

capaz de manter o fundamento social e incorporar as atividades culturais, não foi "economicista" ou "culturalista". Por isto, diferente das perspectivas de Roger Chartier, Robert Danton, Clifford Geertz, etc., a "cultura não é uma alternativa, por exemplo, à classe social, é apenas uma maneira de estudar, no caso de Thompson, como a classe se forma, é um dos elementos necessários para ver como uma classe chega a ser uma classe" (Id., 2012: 3). Ainda, assinala que o pensamento de Thompson muitas vezes serve "como uma espécie de alibi para os pós-modernos, no sentido de que ele, embora seja marxista, ele vê a cultura, mas ele vê de uma maneira, a cultura para ele interessa para certos fins, historiográficos e políticos, que não são de jeito nenhum os mesmos, por exemplo, de Geertz. Então, tudo depende do que você está entendendo por cultura" (Ibid.: 3-4).

Em suma, o que preocupa Cardoso desde a década de 1980 é a manutenção de um "sentido profundo", de um nexos explicativo para a história que pode ser fornecido pelos aspectos socioeconômicos, autorizando a "cognoscibilidade da totalidade do sociohistórico". Ou seja, dessa "totalidade" que foi recusada pelo pensamento de Foucault, mas não pelo de Thompson.

Em uma perspectiva próxima a de Cardoso se encontra as análises de Emilia Viotti da Costa, apesar da historiadora não ter vivenciado regularmente a atmosfera acadêmica brasileira dos anos 80, pois na época era professora associada da Universidade de Yale nos Estados Unidos; conhecia a produção historiográfica brasileira da época e em diversas ocasiões participou de seus debates, por meio de artigos, conferências e cursos ministrados em instituições no país. Além disso, seus livros *Da senzala à colônia* (1966), *Da monarquia à república* (1977) e *A abolição* (1982) são "referências obrigatórias" – para concordar ou discordar – na produção historiográfica brasileira. Sua perspectiva em relação à recepção de Thompson e de Foucault no Brasil representaria a de diversos historiadores, especialmente – de acordo com o imaginário estabelecido – aqueles vinculados à USP, onde a historiadora se formou e exerceu a docência entre 1955 e 1969, quando foi "aposentada" pelo regime civil-militar.

Em conferência realizada em maio de 1982 no FFLCH-USP e publicada no mesmo ano na *Revista Brasileira de História*, Costa elogiou a repercussão dos livros e artigos

de Thompson e de Michele Perrot – historiadora que se *apropriou* intensamente do pensamento de Foucault – na historiografia brasileira sobre o movimento operário:

Não é por acaso que a partir dos estudos de E. P. Thompson, Michelle Perrot, Stefano Merli, Cornelius Castoriadis, Juan Martinez-Alier, os pesquisadores brasileiros estejam prestando maior atenção à cultura operária, às condições de trabalho nas fábricas e ao impacto das transformações tecnológicas no movimento operário. Pouco a pouco vemos surgir uma literatura que enriquece a nossa visão dando-nos um quadro cada vez mais complexo e variegado. (COSTA, 1982: 217-218)

A historiadora já não era tão otimista em artigo publicado em 1994 (Id., 1994), sobre as mudanças ocorridas na historiografia mundial entre as décadas de 1960 e 1980. Neste artigo, que teve como "público alvo" os "novos historiadores brasileiros"; Costa demonstrou grande preocupação com a repercussão dos pensamentos de Thompson e de Foucault. Segundo Costa, por um lado, a *apropriação* das reflexões de Thompson ampliou a preocupação com a subjetividade dos agentes históricos, mas “o que começou com uma crítica salutar e necessária a mecanismos e reducionismos economicistas e à separação artificial entre infra e superestrutura”, resultou contrariamente as intenções originais do historiador inglês, "numa total inversão da dialética" (Ibid.: 12); ou seja, a superestrutura (cultura, política, etc.) tornou-se determinante em relação à infraestrutura (socioeconômica), a "consciência passou a determinar o ser social". Deste mesmo processo, decorreu que o "empirismo virou moda novamente": de debates teóricos sem embasamento empírico passamos para uma descrição empírica sem o estabelecimento de um modelo teórico explicativo (Ibid.: 13).

Por outro lado, a *apropriação* do pensamento de Foucault, segundo a autora, resultou em uma “extraordinária expansão das fronteiras da história e do enriquecimento inegável da nossa compreensão da multiplicidade da experiência humana através dos tempos” (Ibid.: 15). Entretanto, com raras exceções, não se estabeleceu conexões entre a microfísica e a macrofísica do poder, o que proporcionou a fragmentação da história:

Contrariamente à intenção original de Foucault, as micro-histórias frequentemente ficam como peças coloridas de um caleidoscópio quebrado, sem se juntarem, sem se

articularem num desenho, não passando de fragmentos de uma experiência sem sentido. (Ibid.: loc. cit.)

Aqui é preciso um esclarecimento, aparentemente o que Costa entende como micro-história, microestruturas, micropoderes, etc. é um misto entre elementos da superestrutura e as relações/experiências cotidianas, todos seriam perpassados pela lógica oriunda da “macroestrutura”, o micro e o macro compõe um sistema de relações homogêneas; o que é muito diferente das noções reunidas na *microfísica do poder* – péssimo nome, pois, como vimos, não se trata da existência de duas instâncias, micro e macro com relações homogêneas.

De qualquer modo, as concessões que autora faz explicitamente ao pensamento de Foucault e as pesquisas históricas que se utilizam “corretamente” dele são anuladas pelas “farpas” implícitas. Pois,

Quando o poder está em toda a parte, acaba por não estar em lugar algum. Além de que, o método de análise derivado de uma leitura simplificada e seletiva da obra de Foucault embora tenha contribuído para esclarecer e ampliar a compreensão dos vários locais onde o poder se exerce, recusa-se a explicar como e porque ele se constitui, se reproduz e se transforma [grifo nosso]. (Ibid.: loc. cit.)

Nesse trecho, Costa critica a recusa do próprio Foucault a existência de um foco central do poder e a uma explicação a partir dos sujeitos (burguesia/operariado); bem como – com a expressão “leitura simplificada e seletiva” – se refere às *apropriações* parceladas do “eixo do poder”, empreendidas por diversos historiadores brasileiros nos anos 80. Isto fica mais evidente quando a autora reivindica para Sartre, em detrimento aos “anti-humanistas” franceses Barthes, Foucault, Lacan e Derrida (Ibid.: 18-20); a anterioridade e a adequada crítica ao determinismo econômico, ao vanguardismo do Partido que violenta a experiência e aos modelos abstratos e estáticos de explicação histórica.

A historiografia dos nossos dias ergueu-se contra os defeitos assinalados por Sartre se bem que ao tentar evitá-los não seguiu os caminhos por ele indicados. Foi Nietzsche quem capturou a imaginação da nova geração com seu esteticismo. Sua ideia de que é apenas como fenômeno estético que a existência e o mundo se justificam e que os fatos e as coisas são criadas pelo próprio ato de interpretar

pareceu mais atraentes do que a proposta sartreana que se mantinha ainda dentro dos limites do marxismo. (Ibid.: 20)

Na nossa perspectiva, Costa tem o mérito de localizar o pensamento sartreano no princípio do embate com os “nietzscheanos,” o que evidentemente inclui Foucault. Infelizmente, é preciso dizer, a necessidade de desqualificar estes últimos conduz a autora à retórica estéril: "No entanto, foi este [Nietzsche] e não Sartre quem juntamente com Raymond Aron foi reciclado nos últimos anos, não obstante ter sido Nietzsche um dos ideólogos que serviu de inspiração aos nazistas" (Ibid.: 18). Ora, Marx foi o ideólogo do stalinismo, devemos abandoná-lo também?

Em suma, para o leitor atento, Costa critica veemente o pensamento de Foucault, a historiografia que se *apropria* dele e muitas outras formas de reflexão não-marxistas surgidas a partir da década de 1960. Para a autora, a nova geração de historiadores abdicou de constituir uma síntese explicativa do processo histórico, de articular o micro e o macro, o subjetivo e o objetivo. Abdicou também de projetar uma sociedade mais livre e mais justa, para empreender um "exercício puramente estético e retórico" ou apolítico. Abdicou de "uma síntese enfim que seja centrada na teoria da práxis enriquecida pelas novas experiências e que leve a uma nova historiografia e uma nova estratégia (que permita coordenar os vários movimentos sociais sem retirar-lhes a autonomia), e que a partir de uma reflexão sobre o passado e o presente prepare os caminhos do futuro" (Ibid.: 26) ¹.

Astor Antonio Diehl, historiador formado pela PUC-RS nos anos 80 e com doutorado pela *Ruhr Universitat Bochum* na Alemanha, estudou amplamente a "cultura historiográfica brasileira", inclusive a recepção de Foucault no Brasil na década de 1980. Sua análise não é tão severa quanto as anteriores, porém não deixa de destacar os problemas da recepção de Foucault. Para Diehl, o debate sobre Foucault ser racionalista ou irracionalista – do qual participa Cardoso assinalando a segunda opção – é retórico, pois o problema é que muitos pensadores não perceberam a profunda crise do conceito de Razão. Não se trata de

¹ Em entrevista de abril de 2000, Costa retoma essas críticas com grande vigor, indicando que esses problemas emergiram na historiografia brasileira da década de 1980 e perduravam até aquele momento, sendo o pensamento de Thompson e de Foucault alguns dos responsáveis por essa “crise”. Cf. MORAES; REGO, 2002: 65-93.

afirmar a existência de uma racionalidade contra as irracionalidades, porque as "experiências históricas" ou a "linguagem cotidiana pode ser formalizada de distintas maneiras, de sorte que não existe uma única forma lógica embutida nela que possa assegurar sua racionalidade" (DIEHL, 2004: 276).

O problema para Diehl é que Foucault não desvincula saber e poder, impossibilitando a constituição de uma cultura historiográfica que articula de modo adequado às "experiências históricas" a uma orientação de futuro ou um horizonte de expectativa libertário; como existe, por exemplo, em Habermas (ação comunicativa versus ação técnica) "que lhe permite tomar o paradigma da comunicação sem barreiras e como padrão de medida de uma racionalidade emancipatória" (Ibid.: 277).

Nesse sentido, a recepção do pensamento de Foucault entre os historiadores brasileiros dos anos 80 serviu, segundo Diehl, para estudar os modos como os conjuntos saber/poder constituíram e controlaram os sujeitos e os objetos ao longo da história, por exemplo, a doença, o corpo, a mulher, o operário, o escravo, etc.; e, ainda, para liberar os "saberes dominados" destas formas de racionalidade, como o "saber escravo". Segundo o autor, essas características estão presentes nos textos de historiadores que compõe o livro *Recordar Foucault*, como *História e doença: a partilha oculta da lepra em São Paulo 1904-1940* de Ítalo Tronca, *De Eva à santa, a dessexualização da mulher no Brasil* de Luzia Margareth Rago e *O castigo exemplar dos escravos no Brasil* de Silva Hunold Lara (Ibid.: 277-287).

De acordo com Diehl, essa recepção de Foucault no Brasil favoreceu a constituição da cultura historiográfica atual que, apesar de escapar da Razão e seus efeitos de poder, é extremamente problemática:

A perspectiva totalizadora e racional do historiador é substituída por pontos luminosos de igual intensidade, elevando tudo ao estatuto de objeto do conhecimento histórico. Assim, têm-se a desmaterialização do sujeito, a dessocialização do social e sua conseqüente fragmentação, onde o mundo histórico se torna um caleidoscópio de microobjetos (microcosmos) sem orientação conjunta. Percebe-se que na possibilidade ontológica do conhecimento histórico não existe uma subjetividade racional, autoconsciente. Parafraçando Foucault, há, portanto, um retorno à época das representações, das representações individuais fragmentadas

porque não se aborda mais criticamente a realidade, mas as representações ideológicas dessa realidade. (Ibid.: 292 – ver também 316-317)

Em síntese, se entendemos bem seus estudos sobre a cultura historiográfica brasileira (Ibid.; Id. 1999), Diehl afirmou que nos anos 80 se constituiu uma nova cultura historiográfica: Pelo lado positivo, esta cultura rompe com a *razão instrumental* fundada na ideia de progresso eurocêntrica, presente na cultura historiográfica até a década de 1970 que, apesar de otimista em relação às *expectativas de futuro*, silenciou as *experiências* dos grupos subalternos. Pelo lado negativo, apesar de reativar aquelas *experiência* até então silenciadas, é uma cultura profundamente pessimista em relação às *expectativas de futuro*, pois recusa qualquer possibilidade de dar sentido a esses fragmentos de *experiência*. Deste modo, o conhecimento histórico produzido desde os anos 80 é desorientador, fragmentado, perde sua relação dialética com a realidade sociocultural, é apolítico ou serve simplesmente para legitimação de grupos socioculturais e tem caráter unicamente academicista – parafraseando Costa, "o importante é fazer uma tese, qualquer tese" –; sendo que essa recusa em cunhar e utilizar modelos orientadores está bastante associada à recepção dos pensamentos de Foucault e de Walter Benjamin, a partir de meados da década de 1970.

Certamente, nem todos os historiadores brasileiros consideraram problemáticas as *apropriações* de Thompson e/ou de Foucault. Edgar Salvadori de Decca que, ao lado de Dea Fenelon, foram provavelmente os maiores defensores e divulgadores do pensamento de Thompson no Brasil; elaborou um diagnóstico extremamente positivo em relação ao pensamento do historiador inglês e à sua *apropriação* no país. Pois, segundo ele, até por volta de 1980, o que "se havia feito até então era a história dos coletivos, dos grandes silêncios, dos grandes sujeitos. Aí se começou a interpelar as margens", em grande parte devido a leitura dos estudos da Nova Esquerda inglesa: "Com o Thompson, com o Hobsbawn, você nunca está mal acompanhado, sempre tem uma retaguarda muito boa", ambos possibilitaram a "história 'vinda de baixo'" (DECCA apud MORAES; REGO, 2002: 272-280).

Para Decca, o pensamento de Foucault também participou dessa "renovação":

Na verdade Foucault é quem acaba revalorizando os *Annales*, com o problemática das descontinuidades e das rupturas pelas margens. Ele aponta para os prisioneiros,

para aqueles que estão no silêncio das fábricas, dos hospitais, das escolas, dos hospícios, da família, justamente onde não existem ou não podem existir ações coletivas, a não ser esporádicas. Existem apenas atitudes de sujeitos, que se constituem como tal, negociando, desviando, resistindo, etc. (Ibid.: 280)

No prefácio do livro *Do cabaré ao lar* de Luzia Margareth Rago – pesquisa de mestrado orientada por ele –, publicado pela primeira vez em 1985, define com clareza a *diferença* e explica como seria possível *complementar* o pensamento de Thompson com o de Foucault, para a produção de uma "história vista de baixo":

As diferenças de abordagens em se tratando de Thompson e Foucault são significativas. Para o primeiro, as classes trabalhadoras são sujeitos de sua própria história, e por isso, a ênfase dada à questão da *experiência* de classe e do fazer (*making*) de uma cultura de classe. Com os seguidores de Foucault desloca-se significativamente o eixo da experiência e/ou da cultura das classes trabalhadoras, acentuando-se o significado da ação disciplinar de inúmeros agentes sociais na produção do cotidiano e da identidade dos trabalhadores, através da criação das instituições basilares da sociedade, tais como a família nuclear, a escola e a fábrica. (Id. In RAGO, 1987: III)

Isto é, para Decca as diferenças epistemológicas dos pensamentos desses autores, são "compensadas" pela contribuição que o conjunto de suas reflexões pode trazer para a produção historiográfica brasileira dos anos 80.

Em um sentido próximo estão às afirmações de Sidney Chalhoub, historiador thompsoniano – a exemplo de seu orientador Robert Slenes – e leitor de Foucault, pós-graduado pela UFF (mestrado) e Unicamp (doutorado) durante os anos 80. Para este, até meados da década de 1980, época de seu mestrado – que discutiremos com detalhe mais adiante – denominado *Trabalho, lar e botequim: vida cotidiana e controle social da classe trabalhadora no Rio de Janeiro da Belle Époque*, existia...

[...] uma cristalização menor dessas divisões entre perspectivas teóricas, não havia muito problema em incorporar num mesmo trabalho elementos foucaultianos, thompsonianos, que depois foram se cristalizando nessas igrejinhas que existem hoje na academia. Naquela época era importante ler Foucault e Thompson, bem como incorporar uma leitura da tradição antropológica, para lidar com a ideia de cultura, interpretada como cultura dos trabalhadores, dos escravos. (CHALHOUB, 2008)

Outros historiadores, apesar de favoráveis a Thompson e a Foucault, procuram evitar essas "mixórdias". Em artigo de 1989, Adalberto Marson, docente do departamento de História da Unicamp, procura diferenciar o conceito de "disciplina" presente no pensamento de Thompson, daquele presente no pensamento de Foucault; bem como determinar a posição de Thompson no interior do marxismo:

Em que pese a ampla divulgação de sua obra [The making of the english working class] no Brasil, muito pouco se conhece da acalorada polemica que se seguiu a sua primeira publicação. Os interesses concentraram-se ou em medir até que ponto suas teses se afastavam do "marxismo ortodoxo", ou então, num fenômeno oposto, em conciliar sua diferente e especificamente histórica concepção de "disciplina" com a de Foucault e outros autores. Mal se percebeu que, por trás do impacto, subjaz um meticuloso trabalho de, a cada passo, remeter a certas matrizes de pensamento oriundas não apenas de Marx mas dos autores da economia política, da historiografia social inglesa do trabalho (*labour history*) e das correntes estruturalistas da sociologia. Fontes e parâmetros de discussão, tais heranças são duramente questionadas e confrontadas perante a documentação descoberta, porém jamais eliminadas como objetos gastos e sem valor. (MARSON, 1989: 46)

Em suma, na perspectiva de Marson, por um lado, a noção de "disciplina" em Thompson se diferencia daquela de Foucault, pois para o historiador inglês esta noção se refere apenas ao disciplinamento historicamente circunscrito do trabalhador ao sistema fabril, processo posto em prática por um sujeito social determinado; enquanto o filósofo francês pensa em um processo generalizado, em que não há um sujeito (coletivo ou individual) específico como operador. E, por outro lado, Thompson complementa o "marxismo ortodoxo" dando voz ao outro lado da história, o lado dos trabalhadores; que não é o lado da razão histórica, mas um dos lados da luta na história. São nesses dois sentidos que se dirige a sutil crítica à recepção brasileira do pensamento de Thompson, que abre o artigo de Marson.

Luzia Margareth Rago, em texto publicado em 1993 faz uma autocrítica de sua *apropriação simultânea* dos pensamentos de Thompson e de Foucault, empreendida em sua dissertação de mestrado defendida 1984:

Eu, por exemplo, queria mostrar que o anarquismo era uma força, que os libertários sabiam se formular a despeito dos intelectuais orgânicos. Mas isso era muito contraditório porque, ao mesmo tempo em que trabalhava com a tendência de dar voz aos 'vencidos' e retirar os pobres do silêncio, mostrando sua racionalidade, ao

contrário do que o discurso liberal afirmava, utilizava Foucault, que dissolvia o sujeito e o mostrava como efeito das redes de relações e da formação de saberes. Então a questão ficou muito complicada porque, pelo lado do filósofo, minimizava-se a ação do sujeito e descartava-se a importância da sua ação racional e consciente, e pelo lado de Thompson fazia-se o contrário, mostravam-se os homens agindo e fazendo a sua história o despeito das estruturas. (RAGO, 1992: 133-134)

Nesse momento, quase dez anos após concluir sua dissertação, Rago parece afirmar a necessidade de escolher uma entre essas duas "bases epistemológicas", sua escolha parece ser pela mesma "base" que fundamenta o pensamento de Foucault.

A mesma "decisão" foi tomada por seu colega *unicampista* Durval Muniz de Albuquerque Junior, que em princípio manteve a mesma postura de "complementação" entre os pensamentos de Thompson e de Foucault (ALBUQUERQUE JR., 1988: 7). Em texto publicado pela primeira vez em 2002, Durval Jr. relembra a "utilização conjunta" dos dois intelectuais na década de 1980:

Ignorando-se a crítica de Foucault à chamada história social, ele é transformado em um historiador social e usado para fornecer conceitos novos para uma historiografia que, embora já se afastasse do marxismo mais mecânico e economicista, ainda não havia se afastado definitivamente deste paradigma, que aparecia renovado nas páginas das obras de Thompson. (Id., 2007: 133)

Assim, o autor procurou discutir o que havia sido ignorado por aquela historiografia de que também fez parte. Por meio da noção de *experiência* destacou as diferenças intransponíveis entre os dois intelectuais. Neste momento (2002), Durval Jr. Já havia tomado sua "decisão", já havia se afastado do marxismo; sua forma de pensar está próxima às *problematizações* de Foucault e os textos de Thompson servem mais como "instigadores de pensamento" (ou, como diria o autor, para uma "leitura safada") do que como paradigma.

Uma passagem do seu memorial de seleção para a cadeira de Professor Titular do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, em 2006, nos fornece alguns elementos para compreensão dessas "tomadas de decisão", vejamos:

Dois anos depois de haver defendido a Dissertação, 1990, volto à UNICAMP para cursar o Doutorado em História. Sabendo que o Departamento encontrava-se agora

dividido entre historiadores sociais e historiadores culturais e que a anterior aliança e o uso concomitante nas dissertações de autores como E.P. Thompson e Michel Foucault, o que também fizera em minha Dissertação, que ocorrera no momento em que as disputas pela hegemonia no interior dos Departamentos de História e do campo historiográfico davam-se entre a chamada nova história e a chamada “velha guarda marxista”, haviam sido rompidos com a aposentadoria da maioria dos professores e com o acirramento da disputa por espaços entre as novas gerações, resolvo estrategicamente apresentar um projeto apoiado na obra de Thompson. (Id. apud SANTOS, 2012: 137)

O projeto não se efetiva, pois a tese de Albuquerque Jr. somente possui referências a Foucault, nenhuma a Thompson (Id., 1994). Porém, o importante dessa fala é que aquela "decisão" entre Thompson e Foucault, pelo menos na Unicamp, foi requerida no final da década de 1980, bem como foi perpassada por diferentes motivações: Foi uma "decisão" para retomada da lógica epistemológica desses pensamentos; foi uma "decisão" relacionada com a tomada de posição que envolvia a luta pela hegemonia doutrinária dentro de uma instituição e/ou foi uma "decisão" relacionada com o abandono de um antigo adversário (marxismo-leninismo) e o estabelecimento de um novo – para esta última "decisão" foi preciso antes tomar uma posição entre História Social e História Cultural.

Até aqui procuramos organizar uma amostra de uma multiplicidade de falas de historiadores que “viveram e/ou pensaram” as *apropriações* dos pensamentos de Foucault e de Thompson nos anos 80; mesmo com esta primeira sistematização, a divergência das falas é o que se destaca. Podemos, agora, tentar um segundo esforço para produzir algumas "conclusões" a partir dessas *falas* – e de outras que os limites deste texto não nos permitiram discutir.

Primeira conclusão, o pensamento de Thompson é melhor recebido e avaliado do que o de Foucault. Como já destacou Marcelo Badaró Mattos (2006: 92), dos quinze historiadores entrevistados para a coletânea *Conversa com historiadores brasileiros* (MORAES; REGO, 2002), sete mencionam explicitamente a relevância das reflexões de Thompson em seus estudos. Entretanto, em relação a Foucault, apenas Decca e Dias não fazem algum tipo de restrição e buscam pensar com o filósofo. Essa aceitação está relacionada, por um lado, a vinculação de Thompson ao marxismo, vertente historiográfica difundida e

aceita pelos historiadores brasileiros desde a década de 1960. E, por outro lado e em menor grau, porque Foucault questiona procedimentos de análise documental (hermenêutica e confirmação exaustiva) e de concepção de história (totalização, unificação de sentido, explicação pelo sujeito, etc.) que são considerados fundamentais na história-disciplina tal como praticada naquele momento.

Segunda conclusão, a *apropriação* de Thompson pôde servir como um "catalisador" para a de Foucault, uma vez que este passa a ser utilizado pelos historiadores, em geral, depois e no lastro daquele. Alguns historiadores explicam isso como resultado de uma leitura equivocada de Thompson e/ou de Foucault, ou seja, se compreende mal os pensamentos desses intelectuais, portanto, são utilizados simultaneamente (Costa, Cardoso, Marson, etc.). Para outros, a referência a Thompson em estudos que utilizam Foucault e outros intelectuais não-marxistas, foi apenas "uma busca de legitimação no interior do próprio debate marxista para o culturalismo praticado pelos seus 'usuários'" (MATTOS, 2006: 104). Ainda, um último grupo de intelectuais entende essa *apropriação simultânea* como uma *complementação* ou diálogo possível, que contribuiu muito para construção do conhecimento histórico (Decca e Chalhoub).

Terceira conclusão, a partir da segunda metade da década de 1980, surge uma tendência de destacar as *diferenças* ou *incompatibilidades* entre Thompson e Foucault, bem como a opção por um dos dois pensamentos; em detrimento das possíveis contribuições provindas do uso *simultâneo* desses pensadores. Este processo foi denominado por Chalhoub de "formação de igreja", Lebrun fez questão de contar a história das duas linhagens, Rago assinalou sua necessidade epistemológica e Albuquerque Jr. revelou seu caráter de disputa institucional e historiográfica.

Quarta conclusão, segundo essas falas, em suma, o que se *apropriou* do pensamento de Thompson foi a noção de "história vista de baixo" e a concepção de *luta de classes* como modelo explicativo para o processo histórico e para formação das classes. No caso de Foucault, foi a concepção de *microfísica do poder* com todos os seus elementos (história como luta, sem sujeitos, poder como relação e sem um centro organizador, etc.).

Quinta conclusão, as falas que assinalam problemas nos pensamentos de Thompson e de Foucault e em sua recepção pelos historiadores brasileiros, remetem à fragmentação do conhecimento histórico e a sua acepção política. Isto é, a recepção do pensamento desses intelectuais a partir dos anos 80, foi fundamental para a suposta "crise" atual da historiografia brasileira, apregoada nas análises de Cardoso, Costa, Gorender, Diehl, entre outros.

Sexta e última conclusão, a "renovação" na historiografia brasileira advinda das *apropriações* de Thompson e de Foucault é reivindicada ou denunciada como um processo, senão exclusivo, fundamentalmente *unicampista*; graças ao esforço ou erro – dependendo de quem diagnostica – dos historiadores vinculados a esta instituição. Inclusive a mídia da época, como vimos no subcapítulo anterior, favoreceu a constituição desta percepção.

Seria preciso verificar se essas conclusões se sustentam e como essas *falas* se relacionaram com os "modos de usar" Thompson e Foucault empreendidos pelos historiadores brasileiros. Dito de outra forma, seria preciso analisar algo mais fugidio e, talvez, mais fundamental; aquilo que sustentou, "vampirizou" ou foi "vampirizado" por essas *falas*, isto é, as dissertações, teses e pesquisas em geral que de algum modo recorreram ao pensamento destes intelectuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - do problema a solução 1877-1922**. Campinas, 1988. (Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Unicamp. Orientador: Robert Wayne Andrew Slenes).

_____. **O engenho anti-moderno: a invenção do nordeste e outras artes**. Campinas, 1994 (Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Unicamp, sob orientação de Alcir Lenharo).

_____. **História: a arte de inventar o passado.** Bauru: Edusc, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio racionalistas:** filosofia, ciências naturais e história. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

_____. Entrevista. **Revista Cantareira**, n. 6, v. 1, p. 1-13., set/2004 – jan/2005. Disponível em www.historia.uff.br/cantareira Acessado em 15 de maio de 2012.

CHALHOUB, Sidney. Entrevista (entrevistadores: Atílio Bergamini, Eliete Lucia Tiburski e Icaro Bittencourt). **AEDOS**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9823/5628> Acesso em 06 de fevereiro de 2010.

COSTA, Emília Viotti da. A nova face do movimento operário na Primeira República. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 2, n. 4, set. 1982.

_____. A dialética invertida: 1960-1990. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 14, n. 7, pp. 09-26, 1994.

DIEHL, Astor Antonio. **Cultura historiográfica brasileira:** década de 1930 aos anos 1970. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

_____. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980:** experiências e horizontes. 2. ed. ver. e ampl., Passo Fundo: UPF, 2004.

MARSON, Adalberto. Maquinações satânicas: Edward Thompson e as leituras do sistema fabril. **Revista de História**, São Paulo, USP, n. 121, p. 45-66, agosto-dezembro de 1989.

MATTOS, Marcelo Badaró. E. P. Thompson no Brasil. **Revista Outubro**, n. 14, 2º semestre 2006.

MORAES, Geraldo Vinci de; REGO, José Márcio. **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2002.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. As marcas da pantera: Michel Foucault na historiografia brasileira contemporânea. **Anos 90**. Rio Grande do Sul, PPGH-UFRGS, v. 1, n. 1, 1993.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. Invenção da crítica historiográfica brasileira pós década de 1980: um campo de batalhas para modernos e pós-moderno. *Revista de Teoria da História*, Goiás, UFG, n. 7, jun/2012.

VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil Colonial**. Petrópolis: Vozes, 1986.